





ELE É SÓ O COMEÇO

A eleição de Crivella à prefeitura do Rio é um salto extraordinário para o projeto político dos evangélicos. Seu partido, o PRB, agora comanda mais de 100 cidades, governa uma população de quase 10 milhões e dá sentido ao "plano de poder" do bispo Edir Macedo

THIAGO PRADO

FUNDADOR E LÍDER máximo da Igreja Universal do Reino de Deus, o bispo Edir Macedo, 71 anos, é homem com um projeto: colocar os evangélicos na linha de frente dos destinos do país. No seu livro *Plano de Poder: Deus, os Cristãos e a Política*, lançado em 2008, Edir Macedo pontifica: "Nunca, em nenhum tempo da história do evangelho no Brasil, foi tão oportuno como agora chamá-los (*os evangélicos*) de forma mais incisiva a participar da política nacional". A certa altura, o bispo pergunta: "O que falta aos cristãos para se estabelecerem politicamente?". E ele mesmo responde: "Ações bem coordenadas" em prol de um "projeto de nação idealizado por Deus para o Seu povo".

Na ação bem coordenada, Edir Macedo comprou uma rede de televisão, a Record, que hoje ocupa o segundo lugar em audiência e tem na grade programas da Igreja Universal. Articulou a fundação de um partido político, o

Partido Republicano Brasileiro (PRB), que saiu das urnas com 105 prefeituras e detém uma bancada de 22 deputados em Brasília. O bispo também teve peso no acelerado aumento da bancada evangélica no Congresso, que reúne 86 deputados, sendo maior do que muitos partidos políticos. (Um de seus membros, hoje cassado e preso, o deputado Eduardo Cunha, chegou a presidir a Câmara, se bem que sua biografia sugere que era menos evangélico e mais adepto da teologia da prosperidade.)

Na semana passada, o "projeto de nação" de Edir Macedo deu um salto com a eleição de seu sobrinho, Marcelo Crivella, 59 anos, a prefeito do Rio de Janeiro. É a segunda maior prefeitura do país, com um orçamento de 31 bilhões de reais — e responde pelo mais alto posto executivo já conquistado por um militante da Universal. Bispo licenciado da igreja, Crivella foi eleito senador em 2002 e já estava de olho em um cargo executivo: disputou quatro vezes antes de conquistar o governo carioca. Cravou quase 20 pontos de diferença contra seu adversário, Marcelo Freixo, do PSOL.

VITÓRIA O prefeito eleito pelo PRB comemora o resultado: quase 20 pontos sobre o socialista Freixo



TOQUE NA
IMAGEM PARA
OUVIR O
TEXTO DESTA
REPORTAGEM

A eleição de Crivella é mais resultado da onda conservadora na política do que da fé evangélica. Os quase 35% do eleitorado carioca que o puseram na prefeitura não são todos defensores dos postulados da Igreja Universal. Preferiram tê-lo no comando da cidade a um socialista como Freixo. Foi, nesse aspecto, uma vitória da direita sobre a esquerda — um retrato do Brasil depois do impeachment de Dilma Rousseff e do esfacelamento do PT. Nas urnas, o reflexo dessa postura foi o petismo despenca de 630 para 256 deputados, o PSDB disparar de 695 para 803 e o governador tucano de São Paulo, Geraldo Alckmin, despontar como a mais forte liderança política do Brasil hoje (veja a entrevista nas *Páginas Amarelas*).

Para chegar aonde chegou, Crivella desmontou uma certa reserva de outros evangélicos para com a Igreja Universal. Forjou uma aliança inédita com líderes evangélicos como Silas Malafaia, da Vitória em Cristo, e Valdemiro Santiago, da Mundial do Poder de Deus. Conquistou em torno de 90% dos votos evangélicos do Rio, capital do estado menos católico do país. Ao longo da campanha, Crivella penitenciou-se de manifestações preconceituosas do passado (“Gays são vítimas de um terrível mal”). Também evitou lembrar sua posição de intolerância com as religiões afro-brasileiras, consideradas por ele “demoníacas”. E ainda fez de tudo para apagar a relação com a Universal, apesar de não dar um passo sem consultar Mauro Macedo, primo e homem de confiança de Edir Macedo — com quem Crivella diz não falar há dois anos. “Se fizer bom governo, Crivella vai tentar a reeleição e, depois, o Planalto”, aposta Malafaia.

No mundo evangélico, existem os não pentecostais e os não pentecostais. Os não pentecostais são formados por correntes tradicionais, como batistas,

O G-4 EVANGÉLICO

Os fundadores das igrejas pentecostais que mais detêm poder no Brasil cruzaram seu caminho com o onipresente bispo Macedo



Edir Macedo, 71 anos, Igreja Universal do Reino de Deus

Sua igreja, presente em todos os continentes, estendeu-se pelos mercados editorial e de música gospel, e dona da segunda maior emissora de TV do país, a Record, e ainda tem um partido para chamar de seu, o PRB, com 21 parlamentares



R.R. Soares, 68 anos, Igreja Internacional da Graça de Deus

Cofundador da Universal, rompeu com Macedo depois que ele ganhou a liderança da igreja, em 1980. Nunca foi incomodado em seu projeto de expansão porque sua esposa é irmã do bispo. Tornou-se o maior comprador de horários da TV brasileira



Valdemiro Santiago, 53 anos, Igreja Mundial do Poder de Deus

Também egresso da Universal, foi perseguido por Macedo quando criou sua denominação. Perdeu espaço nas TVs e até chorou diante das câmeras, em 2012, pedindo contribuições para arrecadar 30 milhões de reais e continuar a pregar na telinha



Silas Malafaia, 58 anos, Assembleia de Deus Vitória em Cristo

Em sua carreira-solo, mudou de patamar nos anos 1990 ao sair em defesa ferrenha de Macedo, que na ocasião estava preso. Há tempos os dois não se falam, por divergências ideológicas e comerciais

luteranos, metodistas, presbiterianos. Entre os pentecostais, também há um ramo mais clássico, constituído por denominações como Assembleia de Deus e Igreja do Evangelho Quadrangular. Os neopentecostais são os mais jovens, e é nesse grupo que estão a Universal, a Internacional da Graça de Deus, a Sara Nossa Terra e outras igrejas criadas da década de 70 para cá. Elas são as mais ativas na política e dão o tom ideológico da militância: são adeptas do conservadorismo moral e do liberalismo econômico.

Os evangélicos agora estão mais unidos em torno do seu projeto político. Segundo o bispo Robson Rodovalho, líder da Sara Nossa Terra e presidente da Confederação de Pastores do Brasil, nesta eleição, pela primeira vez, 202 candidatos a prefeito, vice-prefeito e vereador foram monitorados e assessorados — 92 foram eleitos. Na Câmara dos Deputados, a meta é que, na eleição de 2018, a bancada evangélica quase dobre, chegando a 150. Nos termos de hoje, ela seria bem mais numerosa do que a maior bancada, a dos ruralistas, com 109. Já o “projeto de nação” do bispo Edir Macedo, afora o aspecto moral e econômico dos neopentecostais, é um enigma que nem seu livro esclarece.

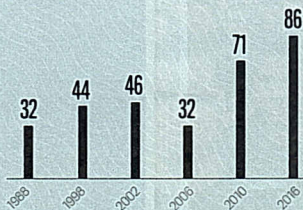
Como militantes de qualquer outra fé, os evangélicos têm todo o direito de participar da política, desde que respeitem o princípio constitucional do Estado laico. Na ditadura militar, os neopentecostais diziam que “crente não é político”. Na democracia, começaram a participar e adotaram, para efeito eleitoral, o mote “irmão vota em irmão”. Assim como os católicos abriram uma picada na militância de esquerda com a Teologia da Libertação, não há nenhum problema em que os neopentecostais abram sua vereda de direita com a Teologia da Prosperidade. É saudável, porém, que dois aspec-

A RELIGIÃO NA POLÍTICA

A Assembleia Constituinte marcou o primeiro esforço concentrado das denominações evangélicas para eleger uma bancada no Congresso. De lá para cá, o número de integrantes quase triplicou



EVANGÉLICOS NA CÂMARA...

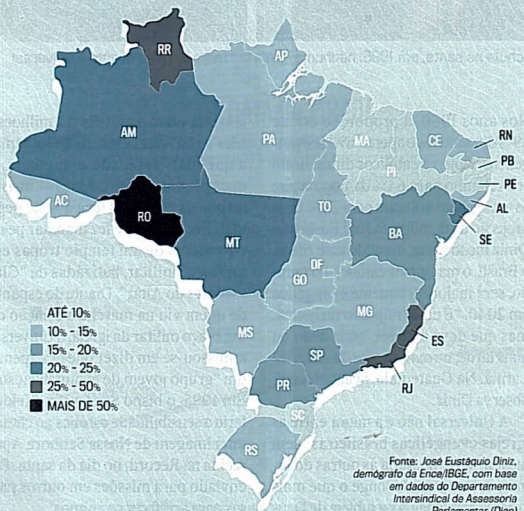


Fontes:
Departamento
Intersindical de
Assessoria
Parlamentar (Diap)
e Ricardo Mariano,
sociólogo



...E SUA REPRESENTAÇÃO POR ESTADO

(percentual de deputados evangélicos em relação ao total)



tos sejam respeitados: a laicidade do Estado, que é a melhor garantia da liberdade de praticar qualquer religião ou nenhuma religião, e a diversidade brasileira, essência do que se chama de brasilidade e a melhor expressão do nosso espírito democrático.

Como prefeito do Rio, Crivella será vigiado com lupa nos próximos quatro anos, até porque o estado já passou pela experiência do clientelismo religioso praticado por quem faz política com a *Bíblia* na mão. Quando governou o Rio, entre 1998 e 2002, Anthony Garotinho delegou às igrejas evangélicas o credenciamento dos beneficiários do seu principal programa social, o Cheque Cidadão. Também favoreceu rádios e veículos de comunicação gospel com generosas verbas publicitárias. VEJA apurou que, para mostrar seu compromisso com o Estado laico, Crivella planeja regularizar o alvará de funcionamento de centros espíritas no Rio. Depois de eleito, fez questão de declarar que vai "governar para todos". Afirma um aliado: "Não é do interesse de Crivella no momento fazer da cidade um quintal da Universal". O que preocupa nessa afirmação é a expressão "no momento".

Ter um bispo na prefeitura do Rio move a Universal várias casas à frente no que parece ser um dos poucos objetivos claros de seu plano de poder: ganhar o reconhecimento de que o rebanho evangélico não é uma fatia secundária, esnobada pela elite política e católica. "A política dá aos evangélicos acesso aos gabinetes do poder e legitimidade", avalia o sociólogo Ricardo Mariano, autor de *Sociologia do Novo Pentecostalismo no Brasil*. Igualmente se pode contar com uma forte guinada conservadora em questões como aborto e casamento gay, que, no entanto, não são assuntos da esfera municipal.

O próprio Crivella já mencionou outro benéfico do poder: facilitar o



EXCESSOS Os "Gladiadores do Altar" e o chute na santa, em 1995: nenhuma igreja faz tanto barulho quanto a Universal

que poderia ser chamado de diplomacia da evangelização. A VEJA, disse que pastores jamais conseguem visto de trabalho em países como Índia, Cuba e China. Um evangélico no Planalto, explicou, poderia pressionar por mudanças. "Se fizermos um presidente, não necessariamente eu, vamos entrar no mundo inteiro. Liberdade religiosa tem que ser bandeira política", elaborou o bispo, que, no passado, atacou com virulência outros credos. A Universal é a igreja mais internacionalizada dos neopentecostais.

A demografia trabalha a favor da agenda política dos parceiros de Crivella. O número de fiéis das igrejas evangélicas não para de crescer há décadas, enquanto o de católicos só cai.

Nos anos 1980, a proporção era de 89% de católicos e apenas 6% de evangélicos. Hoje, os católicos diminuíram seu rebanho para 64% da população; os evangélicos saltaram para 22%. Uma projeção do demógrafo José Eustáquio Diniz mostra que, mantido esse ritmo, o Brasil, o maior país católico do mundo, será majoritariamente evangélico em 2040. "É uma transição raríssima, mas que deve ocorrer, mais cedo ou mais tarde, na maior parte da América Latina. Na Guatemala, já aconteceu", observa Diniz.

A Universal não é a maior entre as igrejas evangélicas brasileiras, nem mesmo se comparada às outras do ramo pentecostal, de longe o que mais cresce. A campeã Assembleia de Deus

tem seis vezes mais fiéis (12 milhões). Mas a Universal é a mais barulhenta, a que mais arrecada e, também, a mais plasticamente política — insiste no que dá certo, cai fora do que pega mal. Recentemente fez marchar pelos corredores de um templo tropas em uniforme militar, batizadas de "Gladiadores do Altar". Diante do espanto de quem viu na marcha a criação de um braço militar da igreja, a Universal apressou-se em dizer que era apenas um "grupo jovem de evangelização". Em 1995, o bispo Sérgio Von Helder feriu a sensibilidade católica ao chutar uma imagem de Nossa Senhora Aparecida na Record, no dia da santa. Foi enviado para missões em outros países para arrefecer os ânimos.

Desde a fundação, em 1977, a Universal colecionou rivais no segmento das igrejas puxadas por pastores pop que fizeram fama na televisão, como Malafaia, Santiago e R.R. Soares. Ao lado de Edir Macedo, eles são hoje as vozes mais potentes do movimento evangélico, uma espécie de G-4 pentecostal. "A Universal é malvista pelas demais, mas, como o nome indica, é ambiciosa, não vê fronteiras. Nesta eleição, seu partido, o PRB, buscou alianças e fez de tudo para apagar a pcha religiosa", diz o sociólogo Mariano.

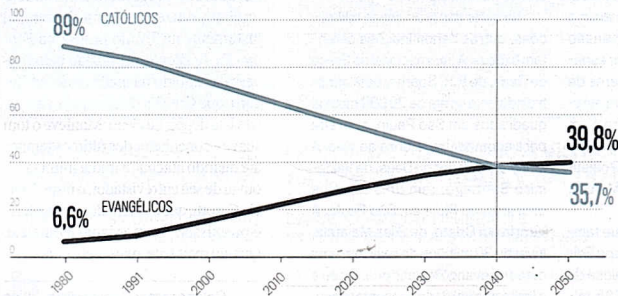
O PRB foi criado em 2005, depois que a derrocada do Partido Liberal (PL) no escândalo do mensalão criou a necessidade de uma nova sigla na base do governo Lula para abrigar aliados. Orientados pelo chefe, deputados da Universal pulverizados em várias legendas aderiram ao PRB, que passou a concentrar os candidatos da igreja e hoje é dominado por bispos licenciados — Crivella inclusive. Tudo de acordo com o projeto de

Edir Macedo, que em seu livro ressalta: "A potencialidade numérica dos evangélicos como eleitores pode decidir qualquer pleito eletivo, tanto no Legislativo quanto no Executivo, em qualquer que seja o escalão".

O PRB foi fiel aliado dos governos petistas, mas pulou fora com o avanço da Lava-Jato. Apoiou o impeachment de Dilma e hoje comanda o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços de Michel Temer. "Aumentamos a nossa interlocução com o empresariado e isso nos ajuda na política. Somos pragmáticos, a favor de resultados práticos", declara o ministro (e bispo licenciado) Marcos Pereira, também presidente nacional do PRB. Na eleição deste ano, o partido elegeu 31% mais prefeitos (de oitenta para 105) e 33% mais vereadores (de 1 207 para 1 608). Para 2018, projeta chegar a quarenta deputados, emplantar quatro ou cinco senadores (hoje só tem Crivella) e estreitar em governos estaduais. Não se define como

A DATA DA VIRADA

Em menos de 25 anos, o maior país católico do mundo deve se tornar majoritariamente evangélico. Acompanhe a projeção do avanço (em percentual da população)



Fonte: José Eustáquio Diniz, demógrafo da Ence/IBGE, com base nos censos demográficos



Quem é quem no rebanho

Dos **42,3 milhões** de brasileiros que se declaram evangélicos, cerca de **60%** frequentam as igrejas pentecostais. As maiores são Assembleia de Deus, Congregação Cristã do Brasil e Igreja Universal do Reino de Deus



2014 Macedo (de barba) na abertura do templo: o alto escalão foi lá

MINHA IGREJA É MAIOR QUE A SUA

Quem não levava o bispo Edir Macedo a sério deve ter mudado de ideia diante da foto acima. Na cerimônia de inauguração do monumental Templo de Salomão, em 2014, em São Paulo, Macedo recepcionou o comando do Brasil de então. Estavam lá a presidente Dilma Rousseff, seu vice, Michel Temer, o governador paulista Geraldo Alckmin e o do Rio de Janeiro, Luiz Fernando Pezão, todos prestando deferência ao essencial papel dos evangélicos nas disputas políticas. Templos espetaculares se tornaram a manifestação física da expansão evangélica no mundo. Nesses espaços, que acomodam os milhares de fiéis que antes se reuniam em estádios e locais públicos, o culto é um show de luzes, som, efeitos especiais e imagens grandiloquentes. "O objetivo é mostrar poder", resume Marcelo Pires, ex-bispo da Universal.

O Templo de Salomão, que também serve de moradia ao bispo Edir Macedo, é a maior casa religiosa do Brasil. A obra consumiu 685 mi-

lhões de reais, acomoda 10 000 pessoas e ocupa 35 000 metros quadrados – quatro vezes mais do que o segundo maior, o Santuário Nacional de Aparecida. Tem pedras importadas da Cisjordânia, iluminação com 10 000 lâmpadas de LED e esteira rolante para agilizar o depósito das oferendas. É a joia da rede de 6 500 templos da Universal, mas logo terá um competidor em Curitiba, sede de um megatemplo orçado em 415 milhões de reais.

No setor das grandiosas edificações, outras denominações ostentam troféus. A Internacional da Graça de Deus, de R.R. Soares, está construindo uma igreja de 29 000 metros quadrados em São Paulo, com site para acompanhar a obra ao vivo. A Mundial do Poder de Deus, de Valdemiro Santiago, tem dois templos enormes, no Rio e em São Paulo. A Vitória em Cristo, de Silas Malafaia, investiu 30 milhões de reais em uma catedral evangélica carioca. O céu é o limite na rivalidade neopentecostal.

"partido da Universal". "Temos representantes de todos os segmentos da sociedade", defende-se Pereira.

Foi na Assembleia Constituinte, em 1988, que os evangélicos iniciaram o esforço concentrado para ganhar relevância política, motivados pelo temor de que a nova Carta privilegiasse a Igreja Católica e adotasse posições mais seculares em relação a temas como aborto e consumo de drogas. Elegeram 32 deputados; hoje têm 86. Embora com certas divergências no púlpito, o bloco dos bispos e pastores marcha unido quando se trata da isenção de tributos para igrejas e da regulação da construção de templos. Sua força e sua presença na política dependem da expansão contínua do rebanho, alimentada pelo espaço na televisão.

"Percebemos que, para falar com a grande massa, era preciso ter a televisão nas nossas mãos", diz o bispo Rodovalho, dono da rede Gênese de TV. Atualmente, o mercado de compra de horários em canais para a exibição de programas religiosos gira em torno de 1 bilhão de reais por ano. Explica Rodovalho: "Conseguimos espaço devido à necessidade de caixa de algumas emissoras". Diante das câmeras, os pastores se desdobram: pregam, oram, vendem produtos e dizem operar milagres. Foi justamente na TV, no programa *Fala que Eu Te Escuto*, produzido pela Universal e exibido na madrugada na Record, que Crivella deu sua primeira entrevista depois de eleito. Manteve o tom suave e conciliador dos últimos tempos até quando atacou "a mídia inimiga". E ouviu de seu entrevistador, o bispo Marcio Carotti, que o futuro dos evangélicos é promissor. "Somos igual a omelete. Quanto mais bate, mais cresce." ■

Colaboraram Cecília Ritto, Luisa Bustamante e Maria Clara Vieira